

## **Cosme e Damião: na fronteira das religiões – um caso de conflito entre a Igreja Universal e práticas afro-religiosas**

**Cosmas and Damian: on the border of the religions – a case of conflict between the Universal Church and the afro-religious practices**

Júlio César Tavares Dias<sup>1</sup>

### **Resumo**

A devoção aos santos Cosme e Damião é antiga no Brasil e conhecida principalmente pela distribuição de doces, que é feita pelos fieis como pagamento de promessas. É nossa intenção notar as diferentes representações que os diversos atores do campo religioso brasileiro fazem desse doce, e as tensões geradas pelas atitudes tomadas a partir dessas representações. Lançamos mão para construção deste artigo de reportagens sobre o tema e também da nossa própria pesquisa de campo realizada na cidade de Igarassu, em Pernambuco.

### **Palavras-chave:**

Cosme e Damião.

Intolerância.

Campo religioso brasileiro.

### **Abstract**

The devotion to the Saints Cosmas and Damian is ancient in Brazil and known mainly for distributing of candy that is made by the faithful as payment for promises. Our intention is trying to see the different representations that the various actors of the Brazilian religious field make about this sweet and the tensions generated by the attitudes taken from these representations. We use to build this paper reports in newspapers about the subject and our research carried out in the city of Igarassu, Pernambuco.

### **Keywords:**

Cosmas and Damian.

Intolerance.

Brazilian religion field.

<sup>1</sup> Doutorando pela UFJF. Bolsista CNPQ. Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP. Email: [julioesartdias@hotmail.com](mailto:julioesartdias@hotmail.com)

## 1 Introdução

As religiões fazem fronteira umas com as outras. Alguns ousam mesmo atravessar essas fronteiras, outros veem o mundo para além delas como perigoso. A devoção a Cosme e Damião, tão antiga no Brasil, conhecida principalmente pela prática dos fiéis, de distribuírem doces como pagamentos de promessas, será objeto deste artigo que nos mostrará como as religiões se relacionam quando se vive na fronteira. Embora estejamos atentos a essa prática apenas, analisá-la nos permite ver de forma ampla as tensões presentes entre os principais atores do campo religioso brasileiro.

## 2 Religiões

Como quem acorda de um sonho e começa a lembrar a partir das últimas coisas até chegar ao início. Assim procedo em relação ao título que me proponho hoje. Quero considerar a palavra “religiões”. No contexto atual do campo religioso brasileiro, o uso do plural é cada vez mais significativo. Ao iniciar seu artigo “As Religiões dos Brasileiros”, Pierre Sanchis (1997, p. 28) afirma:

As Religiões dos Brasileiros... Um título de conferência implausível há meio século. A passagem, nesse lapso de tempo, do quase singular (“A religião”) para um claro e crescente plural (“As religiões”) sem dúvida constitui a transformação mais significativa ocorrida no campo religioso do Brasil. Mais precisamente ainda: dos Brasileiros.

Passemos a ver os atores do cenário/campo religioso brasileiro, no qual “Duas constituem o filão mais tradicional e

No Brasil esses santos foram sincretizados com os erês e por isso, nas festas desses também há farta distribuição de guloseimas. Nas igrejas neopentecostais, entre elas a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), para que as crianças não fiquem endemoninhadas pela ingestão das balas distribuídas quer por católicos ou pelo *povo de santo*, é feita também distribuição de balas e doces *abençoados* ou *consagrados*, ato que alguns autores já mencionaram sem, no entanto, terem se detido e se estendido sobre ele (Almeida, 1996, p. 44; Mariano, 1999, p. 135; SILVA, 2005, p. 165). Cabe a nós, portanto, discorrer sobre esses casos.

quase substantivo da história religiosa brasileira. O cristianismo – mais especificamente o catolicismo – e o universo genericamente referido como ‘afro’” (SANCHIS, 1997, p. 29). Católicos e ‘afros’ são os primeiros atores a entrarem em cena. Pela imigração e, depois, por missão, chegarão depois ao Brasil outros atores de papel importante: os protestantes.

O cristianismo, no Brasil, é doravante plural. Diversidade – e modéstia tradicional – do mundo protestante dito histórico que o alarido pentecostal poderia nos fazer esquecer. Ele está bem presente, no entanto, portador de um apelo contrastante eficaz, sobretudo em algumas de suas denominações e para determinadas camadas da população, mais afeitas ao jogo autônomo da razão e para quem o dogmatismo institucional católico cria um mal-estar religioso (SANCHIS, 1997, p. 29).

Como pontua Sanchis (1997, p. 30), no entanto, “é claro que o fenômeno mais visível no campo cristão brasileiro, é o da entrada maciça dos pentecostais (...) o pentecostalismo entrou no Brasil já no início do século (XX), vindo do exterior. E foi o seu caráter de ruptura com as tradições religiosas brasileiras que logo marcou sua visibilidade”. Os pentecostais são atores importantes no cenário das religiões do Brasil, tanto pela sua presença constante nos meios televisivos, como pelo seu constante proselitismo. Claro que nesse cenário há também a New Age, as religiões indígenas, religiões paracristãs (Adventismo e

Mórmons), mas são esses quatro grupos de atores (Católicos, Afros, Protestantes e Pentecostais) que queremos ver como contracenam em torno da prática da devoção de entrega do doce de Cosme e Damião.

Entendemos “o mundo como representação” (CHARTIER, 1991), e cada um destes grupos faz diferentes representações de si e dos outros grupos. No caso de Cosme e Damião, diferentes são as representações: católicos os têm por santos; o mundo afro os sincretiza com os Ibeji; protestantes condenam como idolatria; pentecostais os demonizam.

### 3 A fronteira

Brandão (2004), no artigo Fronteira de Fé, propõe construir um mapa sumário das religiões no Brasil e questiona-se “Como seria possível descrever este universo rico e diferenciado, não tanto pela quantidade de semelhanças, mas pela qualidade das diferenças” (BRANDÃO, 2004, p. 264). Imagina uma folha em branco onde, do lado direito, coloca as religiões indígenas, os primeiros habitantes do Brasil, com sua multiplicidade negada nas aulas da escola que os colocam todos a adorar tupã e a comer seus prisioneiros, e, no lado oposto, estão religiões de grupos minoritários vindos da Europa ou do Oriente. Assim, pouco a pouco vai colocando as demais religiões conforme sua presença e a época em que chegaram ao Brasil.

Esse mapa mostra que “existe agora uma franca diversidade no interior de algumas e entre as religiões” (BRANDÃO, 2004, p. 266). Num momento afirma assim: “Se o desenho imaginário que estou propondo até

aqui está claro” (BRANDÃO, 2004, p. 267); ora, é muito difícil manter a clareza quando se propõe construir um mapa das religiões no Brasil devido à imensa variedade delas. Importante é perceber nesse quadro a “fronteira de fé” existente entre os vários grupos religiosos.

A fronteira é um lugar privilegiado para negociação e para o diálogo. É o que nos mostrou Stuart Schwartz (2009), em seu livro Cada um na sua lei, onde analisa o espírito tolerante na Península Ibérica nos tempos de Inquisição. O título do livro se justifica pela ideia habitual de que Deus havia criado três leis (judaísmo, cristianismo e islamismo) e pela afirmação constante de que “cada um na sua lei se pode salvar”. Ainda mais escandaloso era se pensar que “melhor bom mouro do que mal cristão”, ou seja, que o mouro poderia ser salvo em sua lei enquanto um cristão ser condenado.

Devido à história de convivência e contato com as três comunidades religiosas na Espanha medieval e às

condições de conversão que levaram muitos judeus e muçulmanos à Igreja no começo do século XVI, é possível entender por que os convertidos podiam acreditar que as outras religiões eram válidas e que a Igreja não tinha direito exclusivo à verdade. Os cristãos-velhos também comungavam essas ideias (SCHWARTZ, 2009, p. 114).

Mas a fronteira também é lugar de disputa, lugar onde se deve *vigiar e punir* (FOUCAULT, 1999), lugar de guerra. Infelizmente, a história do convívio das religiões contém muitas páginas a respeito de intolerância mútua. Brandão explica o processo de delimitação das fronteiras. Para o

crente pentecostal há uma religião excelente, certa e verdadeira, a dele; outras semelhantes, mas não tão excelentes são as demais igrejas pentecostais; as igrejas protestantes tradicionais são vistas como numa relação de parentesco, mas perderam o “poder do Espírito Santo” e se tornaram frias; o catolicismo seria uma religião desviada, e, por fim, as religiões não-cristãs seriam “falsas religiões”, fruto ou da invenção humana ou de forças demoníacas (BRANDÃO, 2004, p. 9). No caso da devoção de pagar promessas aos Santos Cosme e Damião distribuindo doces veremos as tensões que esta prática pode suscitar.

#### 4 Cosme e Damião e sua devoção no Brasil

Cosme e Damião são santos do séc. III, cuja data de nascimento é incerta, mártires, mortos por não se curvarem diante dos deuses pagãos, tendo sido acusados de “inimigos dos deuses”. Uma tradição diz que foram alvejados por dardos, mas miraculosamente os dardos se desviaram deles, por isso depois foram decapitados. Outra tradição conta que eles foram atirados num despenhadeiro. “Seus restos mortais, segundo consta, encontram-se em Ciró na Síria, repousando numa basílica a eles consagrada. Da Síria o seu culto alcançou Roma e dali se espalhou por toda a Igreja do Ocidente” (CATOLICANET).

Figura 1 – Cosme e Damião



Fonte: Wikipédia

A devoção a Cosme e Damião é antiga no Brasil. Já em 1535, foi construída a primeira igreja em homenagem aos gêmeos na cidade de Igarassu, litoral e Pernambuco e região metropolitana do Recife. Devoção trazida pelos portugueses e que se espalhou pelo litoral e depois se interiorizou com o garimpo. Os negros eram a grande “maquina” produtiva do garimpo, e reduzidos a “coisa” tinham que – como forma de resistência cultural – “sincretizar seus orixás com os santos católicos que lhe foram impostos” (ARAÚJO, 2010, p. 2). Sincretismo esse que perdurou até os dias de hoje e que faz parte da religiosidade popular do povo brasileiro.

Figura 2 - Matriz dos Santos Cosme e Damião de Igarassu – fundada em 1535, é a mais antiga igreja ainda em funcionamento no Brasil



Fonte: Wikipedia

Entre o dia 27 de setembro<sup>2</sup>, que é o Dia de Cosme e Damião, e 12 de outubro, dia das crianças, algumas pessoas têm o hábito de distribuir doces para as crianças como pagamento de promessas feitas aos santos. Esses santos foram sincretizados com os erês e por isso as festas dos erês são celebradas em setembro. O padre Michelino Roberto explica que "pelo calendário oficial da igreja, a festa é celebrada no dia 26. Mas o povo prefere 27, data da inauguração da basílica que o papa Felix IV mandou erguer para os dois em Roma, no ano 500" (O ESTADO..., 28 set. 2000). Em Salvador a devoção aos santos é muito forte. A Igreja de São Cosme e Damião, no bairro da Liberdade, realiza no dia 27 de setembro, várias missas e procissões em homenagem aos santos, além disso, há à noite uma celebração do Cardeal. Mas, como se sabe, o Candomblé é forte na Bahia; nele, Cosme e Damião são filhos gêmeos de Xangô e Iansã. Embora os santos sejam adultos, a devoção aparece extremamente ligada às crianças. A festa é comemorada com muita comida, sobretudo

com o prato favorito dos santos, o caruru, feito à base de quiabo e camarão.

## 5 O doce e a recusa evangélica

Pagar promessas é uma prática comum no Catolicismo brasileiro e remonta mesmo aos tempos do Antigo Testamento (Dt 23,21). Padre Rosevaldo, da Matriz de Cosme e Damião de Igarassu, em entrevista que me ofereceu, lembrava que, conforme o livro de Atos, o apóstolo Paulo, ao chegar a Jerusalém, teria se apressado a pagar um 'voto' raspando a cabeça. Esse exemplo, para ele, justificaria a continuidade do pagamento de promessas no catolicismo.

Como sabemos, os evangélicos condenam a *idolatria*. A atitude evangélica clássica, então, é recusar o doce e não permitir que seus filhos<sup>3</sup> peguem. O doce é visto como oferenda a deuses estranhos, e entendido dentro da dicotomia pureza x perigo (DOUGLAS, 1966). O bispo Macedo, líder maior da IURD, por exemplo, observa:

De todas as leis e mandamentos durante a Antiga Aliança com respeito aos sacrifícios, restou apenas a proibição de comer coisas que são sacrificadas aos santos, aos espíritos, aos deuses, como, por exemplo, as comidas oferecidas nos dias de Cosme e Damião, de Santo Antônio, de festas

<sup>3</sup> Uma música da banda "A Kombi Que Pega Criança" ironiza essa atitude:

*"Já pedi, já chorei, já gritei  
mas não adianta, não posso pegar  
minha mãe não deixa eu vou apanhar  
se ela me pega com um saco na mão....  
ai está o meu problema então...."*

### Refrão:

*Eu não posso, pq eu tenho que obedecer..  
não posso não ( Não posso não !!!)  
a minha mãe é crente, não deixa eu pegar doce  
de Cosme e Damião !!! (Cosme e Damião.....)"*

Veja o vídeo da banda em:

<http://www.youtube.com/watch?v=Gr4BiP-joLM>.

<sup>2</sup> Na Igreja Ortodoxa o dia 1º de novembro que é o dia de São Cosme e São Damião.

espíritas etc (*apud* GOMES, 2009, p. 179).

O bispo parece perceber a atenção que é dada aos tabus alimentares na Torá judaica. O primeiro pecado, que ocasionou a Queda, se lermos literalmente, foi mesmo a quebra de um tabu alimentar: “Não comerás do fruto da

árvore que se encontra no meio do jardim”. Interessante também que no Levítico é dada maior atenção ao que as pessoas devem e não devem comer (Lv 11), do que com quem devem ou não dormir (Lv 18). Gostaríamos de considerar alguns pontos do discurso evangélico.

## 6 Iconoclastia evangélica

O caso do Doce de Cosme e Damião demonstra a forma como os evangélicos se relacionam com outras religiões, no caso, o Catolicismo e as religiões afro-brasileiras. Chamamos de iconoclastia evangélica as tensões que existem entre evangélicos e católicos no que tange ao culto aos santos. Lutero na polêmica contra os iconoclastas que queriam tirar todas as imagens de dentro das igrejas sustentou que elas deveriam permanecer (PIRES, 2006, p. 37), logo, não é de Lutero que os evangélicos brasileiros herdaram seu espírito iconoclasta.

Os migrantes puritanos ao chegar ao Novo Mundo o entenderam como “terra prometida”, a função deles deveria ser, então, construir da sociedade estadunidense “uma cidade sobre a montanha”, ou seja, um exemplo às demais nações. Neste contexto, os católicos “representaram perigo de corrupção (...) o catolicismo é associado à coroa inglesa (...) representante da autoridade monárquica, portanto dura ameaça à liberdade norte-americana” (PIRES, 2006, p. 28). Assim, o anti-catolicismo evangélico advém do protestantismo norte-americano. Os missionários evangélicos chegam ao Brasil no século XIX e no discurso deles

O catolicismo é apresentado como religião distante dos princípios bíblicos e apegado às tradições humanas. Os cultos aos santos (...) são temas recorrentes nesta crítica (...). Essa foi a forma encontrada para se arregimentar mais membros para o protestantismo, num país majoritariamente católico. Entretanto, ela deixou suas marcas no imaginário evangélico ainda hoje (PIRES, 2006, p. 37).

O episódio talvez mais chocante desse sentimento iconoclasta é o conhecido como “Chute na Santa”, quando o bispo Sérgio Von Helder, da IURD, chutou uma imagem de Nossa Senhor Aparecida durante programa exibido pela TV Record no dia 12 de outubro de 1995.

Figura 3 – Bispo Von Helder e o “Chute na Santa”



Fonte: Wikipédia



## 7 Demonização

A década de 80 foi marcada no movimento evangélico brasileiro pelas ideias de Batalha Espiritual. Se em relação aos santos católicos a acusação é de que “eles têm boca, mas não falam; têm pés, mas não andam...”, em relação às religiões afro é de que os Orixás, na verdade, são demônios. Durante muito tempo era comum o mundo evangélico demonizar praticamente tudo: a Xuxa teria feito pacto com o Diabo e se tocasse o seu disco (ainda vinil na época) ao contrário escutaríamos a voz de um demônio (diabólico é parar para girar um disco ao contrário!), o boneco Fofão dentro de si guardaria um punhal por ser dedicado a Satanás, e também o desenho dos Cavaleiros do Zodíaco foi demonizado porque fazia referência a “deuses estranhos”. Lembro-me de na minha infância numa festa de aniversário os papéis de bala por estarem próximos das velas do bolo pegaram fogo. A explicação para o acontecido surgiu logo: foi por causa da festa estar enfeitada com o tema dos Cavaleiros do Zodíaco. Evans-Pritchard (2005) explica que a ideia de magia preenche um espaço na sequência lógica da causalidade: é certo que papel perto de fogo queima, é certo que numa festa de aniversário teremos papel perto de fogo, mas por que justamente o papel queimar naquela festa e não em outra? A resposta seria: por causa da negatividade ou da carga demoníaca, *mana* negativo (MAUSS, 1974), dos Cavaleiros do Zodíaco.

Esse pensamento permaneceu no mundo evangélico. Recentemente a personagem infantil Galinha Pintadinha foi tida como carregando uma maldição. O depoimento de uma mãe evangélica tem

circulado nas redes sociais, para ela a música FliFlaiFlu desse desenho seria a causa da bronquite de seu filho. Além disso, o personagem Mestre André desse desenho foi logo associado ao Zé Pilintra. Músicas da Xuxa, Fofão, Cavaleiros do Zodíaco ou a Galinha Pintadinha ou doce de Cosme e Damião... todos esses ao serem demonizados parecem apontar para o seguinte pensamento: as crianças são as principais vítimas desse mundo espiritual.

Entendemos demonização como um recurso estratégico diante de um “confronto belicoso”, “um recurso simbólico posto em prática por religiões que competem entre si para arregimentar fiéis e para se impor legitimamente” (Oro, 1997). O discurso demonizador não é uma novidade no cristianismo, mas uma constante. Podemos encontrá-lo em Santo Agostinho que via os deuses pagãos como disfarces dos demônios enganadores e em São Paulo, que não queria que os cristãos participassem da “mesa de Deus e dos demônios”, numa referência às comidas das festas pagãs. A IURD, contudo, tem chamado a atenção tanto por parecer renovar a intolerância religiosa, como pelo poder midiático usado para divulgar seu discurso.

Outras igrejas mantêm também um discurso demonizador. É o caso da Igreja Projeto Vida Nova, na Vila da Penha, liderada pelo pastor Isael Teixeira, como mostra reportagem do Extra Globo. Essa igreja troca com as crianças o saquinho com os doces de Cosme e Damião, por outro com balas abençoadas e também um exemplar da Bíblia “para comer orando”. A estampa dos sacos da

igreja em vez de terem as imagens de Cosme e Damião têm os dizeres estampados: “Jesus, o único protetor das crianças”. Os saquinhos de Cosme e Damião que a igreja recolhe nessa espécie de *escambo* são depois queimados, representando o fim de todo mal direcionado contra as crianças. Conforme o pastor Isael, a igreja chega a distribuir cerca de dez mil sacolinhas.

Em entrevista, o pastor Isael Teixeira afirma que sua igreja ensina a Bíblia, e depois se refere novamente ao livro sagrado como “Escrituras Sagradas”, tentando legitimar seu discurso assim. Para ele, o doce provém de religiões que podem ter “resultados terríveis na vida das crianças”. Nos dizeres estampados nos sacos podemos verificar o discurso iconoclasta evangélico, já o discurso do pastor Isael Teixeira é claramente demonizador. Ambos discursos estão a serviço do proselitismo da igreja: atrair crianças; e através das crianças pode se tornar factível atrair os pais.

Como sabemos, o converso há de interpretar toda a sua vida a partir da experiência de conversão, assim temos essa afirmação de uma fiel convertida da Igreja Projeto Vida Nova, a cabeleireira Raquel Cristo:

Se alguém dá doce para meu filho na rua, eu até pego para não fazer desfeita. Mas depois jogo fora. Minha mãe foi espírita e nós vivíamos doentes. Ela fazia mesa de doces de Cosme e Damião e chamava sete crianças para comê-los. Hoje, acredito que a função disso era transferir a nossa doença para elas.

A demonização do doce virou mesmo caso de polícia. A delegada Martha Rocha buscou rigor na averiguação do caso da Igreja Projeto Vida Nova, e seu pedido, o caso que foi registrado na 6ª DP (Cidade Nova) foi enviado de imediato à 27ª DP (Vicente de Carvalho).

Para legitimar seu discurso, é comum a IURD valer-se do testemunho de ex-“mães-de-encosto”. No vídeo ‘Malefício das balas consagradas aos encostos’, publicado no canal da IURD Gráfica no YouTube, entrevista-se uma ex-mãe-de-santo frisando-se o longo tempo (35 anos) que ela trabalhou para os “encostos”. Apontando para as balas ela afirma: “Nossa juventude está perdida por causa disso aqui”. Além de querer estabelecer um ‘poder dizer’ pela experiência da entrevistada, o tom jornalístico contribui para criar um ar de seriedade que com certeza contribui para o convencimento.

## 8 Formas de dar, formas de recusar

Há “maneiras diversas de aderir [...] de compartilhar dessas visões de mundo” (SANCHIS, 1997, p. 29). A forma de se lidar com a própria religião leva o fiel evangélico a lidar então de diferentes formas em relação ao doce. “Não aceitar e não comer, nesse contexto caracteriza uma postura religiosa exclusivista característica do campo evangélico” (GOMES, 2009, p. 171). Ao serem interpelados se

aceitam ou não o doce, ao nosso ver, os evangélicos podem: 1. simplesmente recusar, como coisa do inimigo; 2. aceitar por cortesia e não comer já que é uma comida trabalhada; 3. aceitar por cortesia e comer, baseado no pensamento de que o ídolo de si mesmo nada é no mundo (1Co 8,4), 4. aceitar por cortesia e comer, após orar repreendendo todo mal que possa estar ali.



Essas várias formas de recusa já notáramos noutra artigo (DIAS, 2013), porém não havíamos até então atentado para o fato de que aceitar ou recusar o doce ainda se inscreve na dicotomia “testemunho” / “escândalo”: Ao se recusar o doce é possível que se quebre uma relação, o que impossibilitará a tarefa de testemunhar àquela pessoa (o proselitismo é algo essencial à vida do fiel evangélico, e não é mesmo um adendo ao cristianismo: “Ide e fazei discípulos”, esta é a própria missão deixada pelo Cristo); por outro lado, aceitar o doce pode vir a escandalizar o “irmão fraco na fé” (Romanos 14). Isso pode levar o evangélico a sempre agir pensando antes no que os outros podem entender por seus atos, essa constante vigilância dos próprios atos com na suposição da reação alheia pode ser mesmo angustiante algumas vezes.

A presença forte dos evangélicos no campo religioso brasileiro cria novas relações e tensões, assim, se há várias formas de os evangélicos recusarem os doces, vão-se criando, por outro lado, várias formas de distribuir o doce. Há, segundo Edlaine Gomes (2009, p. 174), diferentes formas de dar/receber o doce:

Na primeira forma descrita, mais identificada nos anos 1970 e 80, várias pessoas se posicionam nos portões das casas e distribuem saquinhos de papel com diversos tipos de doces [...] A maneira de “pegar doce” e sair de casa com sacolas e andar pela vizinhança com colegas ou algum adulto. A segunda maneira é ir a um Centro de Umbanda ou a casa de algum integrante dessa religião. [...] O terceiro modo é receber os doces em

casa. [...] Uma outra maneira de “dar doce” surgiu com o tempo e vem ganhando espaço. O ofertante vai para a rua e expõe sua disposição de “dar doces” e espera aqueles que são receptivos se aproximarem.

No livro *O Sumiço dos Doces de São Cosme e São Damião*, de Cristina Fraga, Guilherme e seus irmãos tentam desvendar enigmas, dentre eles: Quem teria roubado os docinhos de São Cosme e Damião? Não acredito que estejamos caminhando para um sumiço desses doces, mas é certo que em decorrência da atitude evangélica, a prática da entrega do doce vem sendo feita de forma cada vez mais discreta. A jornalista Rosiane Rodrigues, ao notar que esse costume vem se enfraquecendo, decidiu entrevistar comerciantes de doces. Um desses contou que quem compra doces para Cosme e Damião pede que se embale em bolsas pretas para que ninguém saiba de seu conteúdo, ou mesmo, que a entrega seja feita à noite.

Durante pesquisa de campo na cidade de Igarassu – PE (22 a 29 de setembro de 2013) para acompanhar as festividades de Cosme e Damião, houve quem me dissesse que ao invés de dar pessoalmente o doce às crianças, entregava ao centro (de Umbanda) ou ao Convento do Sagrado Coração de Jesus para que lá eles distribuíssem. Também houve quem me disse que deixa para dar os doces no dia das crianças, ou mesmo no Natal. A atitude frequente se torna perguntar aos pais se eles permitem a entrega do doce.

## 9 Pastor Djalma de Ogum

Sendo que no campo brasileiro as tensões entre evangélicos e religiosos de matriz

africana são a regra, o exemplo do pr. Djalma Torres, elogiado pelo prof. Jaime Sodré (2013)

como Pr. Djalma de Ogum, é um bom exemplo de uma exceção. “Viva o Pastor Djalma de Ogum”, assim Sodré intitula seu texto homenageando o pastor batista Djalma Torres, “É isto. O título é estratégico para motivar o leitor ao texto. ‘Vou fazer a louvação, ao que deve ser louvado, louvando o que bem merece deixando o ruim de lado’”.

Figura 4 - Pastor Djalma Torres, o Djalma de Ogum



Fonte: Site Mundo Afro

O pastor Djalma Torres em 2012 recebeu o prêmio de Direitos Humanos, da presidente Dilma Rousseff. Sobre as suas

atividades, “Em especial, destacamos a participação solidária na luta contra a intolerância religiosa, reconhecimento e respeito à diversidade sexual. Estimulando o diálogo com as paróquias católicas, comunidades protestantes e movimentos sociais, a Igreja alargava o seu horizonte” (SODRÉ, 2013), além disso, o pastor tem participação fixa no programa Liberdade Religiosa, que vai ao ar pela TVE Bahia objetivando tratar o diálogo entre as religiões. Em tempos que perseguir e demonizar constituem trato comum entre as religiões, é ato válido lembrar esse exemplo do “Pr. Djalma sempre solícito e amigo dos fiéis do candomblé, reservava um espaço do seu precioso tempo para as reuniões ou caminhadas, junto ao povo-de-santo, nas sugestões de posturas para a solução desta incompreensão vil” (SODRÉ, 2013).

## 10 Conclusões

As fronteiras das religiões no Brasil são frequentemente lugar de disputas e de tensões. O que pudemos ver é como a adesão a igrejas neopentecostais, como a IURD, altera a dinâmica da sociedade em geral, uma vez que toma elementos tradicionais desta e os reinterpreta. Não podemos dizer que a IURD seja a originadora dos preconceitos e da discriminação que sofrem as religiões afro-brasileiras, nem, como vimos, que seja a única a manter um discurso de demonização, mas ela, aproveitando-se dessa tensão social existente, se afirma sempre em relação a elas e

nutre tais atitudes nas suas práticas mágicas. O discurso e o sincretismo operado pela IURD são sempre bélicos (Batalha Espiritual), pois colocam o outro como causa dos males da sociedade e se propõem combatê-lo. O exemplo do pastor Djalma Torres, porém, como aponta o professor Jaime Sodré, é exemplo para nós da possibilidade de se viver nas fronteiras mantendo outra espécie de convivência, baseada no diálogo, na tolerância e no respeito e consideração mútua.

## Referências

- ALMEIDA, Ronaldo. **A Universalização do Reino de Deus**. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP, São Paulo, Unicamp, 1996.
- ARAGÃO, Jarbas. A “maldição” da galinha pintadinha. **Gospel Prime**: Notícias Cristãs Atualizadas. Postado em: 27 set. 2013. Disponível em: <<http://noticias.gospelprime.com.br/galinha-pintadinha-maldicao/>>, acesso em: 07/10/2013.
- ARAÚJO, Maria de Almeida de. **O culto a “São Cosme e Damião” NA Bahia**. Disponível em: <[http://www.frb.br/ciente/2006\\_2/PSI/PSIA.ARAUJO.F1Rev.Vanessa12.12.06.pdf](http://www.frb.br/ciente/2006_2/PSI/PSIA.ARAUJO.F1Rev.Vanessa12.12.06.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18. n. 52, set./dez., p. 261-288, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10035/11607>> Acesso em: 17 out. 2013.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, jan./abr., p. 173-191, 1991. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 17 out. 2013.
- COSME e Damião**: delegada Martha Rocha quer rigor na investigação de Pastor que demoniza os santos gêmeos. Postado em: 30/09/2012. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/cosme-damiao-delegada-martha-rocha-quer-rigor-na-investigacao-de-pastor-que-demoniza-os-santos-gemeos-6206905.html>>. Acesso em: 04/10/2013.
- DIAS, Júlio César Tavares. Um simples Doce - dar e receber o doce de Cosme e Damião no contexto do pluralismo exclusivista. **Revista Perspectivas Sociais**. Pelotas, ano 2, n. 1, p. 44-55, mar. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/viewFile/2136/1957>>. Acesso em: 17 out. 2013.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. “Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu”. Trad. Sônia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, 1966. (Col. Perspectivas do Homem, n.º39).
- EVANS-PRITCHARD, Edward. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Edição resumida e introdução de Eva Gilies. Trad. de Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Col. Antropologia Social). Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=lnK-AQ\\_iHPgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=lnK-AQ_iHPgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)> Acesso em: 04 out. 2013.
- FAGA, Cristina. **O sumiço dos doces de Cosme e Damião e outros contos**. Il. de Reinaldo Faga. São Paulo: Cláudia Cristina Guelfi Faga, 2012, v. 1 (Série Folclore nosso de cada dia).
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalheite. 20 ed. Petrópolis, Vozes, 1999. Disponível em: <[http://ftp.unilins.edu.br/leonides/Aulas/Ciencia%20Pol\\_tica%20-%20I/Foucault%20-%20Vigiar%20e%20Punir.pdf](http://ftp.unilins.edu.br/leonides/Aulas/Ciencia%20Pol_tica%20-%20I/Foucault%20-%20Vigiar%20e%20Punir.pdf)>. Acesso em: 04 out. 2013.
- GOMES, Edlaine de Campos. Doce de Cosme e Damião: dar, receber, ou não? In: \_\_\_\_\_. **Dinâmicas contemporâneas do fenômeno religioso na sociedade brasileira**. Aparecida: Ideias e Letras, 2009. p. 169-185.
- IGREJA Evangélica demoniza Cosme e Damião, mas vai distribuir guloseimas**. Entrevista do pastor Isael Teixeira. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/igreja-evangelica-demoniza-cosme-damiao-mas-vai-distribuir-guloseimas-6187205.html>>. Acesso em: 03 out. 2013.
- IGREJA EVANGÉLICA demoniza Cosme e Damião, mas vai distribuir guloseimas**. Vídeo publicado em: 25 set. 2012. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/igreja-evangelica-demoniza-cosme-damiao-mas-vai-distribuir-guloseimas-6187205.html#ixzz2giE4VuzI>>. Acesso em: 03 out. 2013.

**MALEFÍCIO das balas consagradas aos encostos – Cosme Damião.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=G4v35DUHUQ>>. Acesso em: 03 out. 2013.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EPU, 1974, v. 2.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-Brasileiros: Quem Vencerá Esta Guerra? **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 10-36, nov. 1997. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/download/2686/1502>>. Acesso em: 04 out. 2013.

PIRES, Frederico Pieper. Protestantismo e Modernidade: a recepção da Reforma no Brasil. In: MIRANDA, Valtair (Org.). **Reforma:** passado ou presente? O diálogo entre a igreja de hoje e os ideais do movimento reformador. Rio de Janeiro: MK Ed., 2006. p. 9-50.

RODRIGUES, Rosiane. **Os sacos pretos e azuis de Cosme e Damião.** ExtraGlobo. Postado em: 22 set. 2010. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/rosiane-rodrigues/os-sacos-pretos-azuis-de-cosme-damiao-364107.html>>. Acesso em: 04 out. 2013.

SANCHIS, Pierre. As Religiões dos Brasileiros. **Horizonte.** Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, jul. / dez. 1997. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/412/398>> Acesso em: 04 out. 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 67, p. 150-175, set./Nov. 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/11-silva.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2013.

SODRÉ, Jaime. **Viva o pastor Djalma de Ogum.** Postado em: 16 abr. 2013. Disponível em: <<http://mundoafro.atarde.uol.com.br/?p=5193>>. Acesso em: 03 out. 2013.

Artigo recebido em 17 de outubro de 2013.  
Aceito em 11 de dezembro de 2013.